Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas
Volume 17. 2025.
DOI: https://doi.org/10.38047/rct.v17.FC.2025.res2.p.1.8

RESENHA: VIOLÊNCIA DE GÊNERO E FEMINICÍDIO NO MÉXICO

Zuleide Maria Matulle[1]

CARAPIA, Julia Carmen Chavéz; GONZÁLES, Ariana Lourdes Rodríguez. **Violencia de género y feminicidio en México**. México: UNAM-Escuela Nacional de Trabajo Social, 2023.

Violência de gênero e feminicídio no México é uma obra publicada em 2023, em espanhol, cuja autoria é de Julia del Carmen Chávez Carapia e Ariana Lourdez Rodríguez Gonzálves, professoras e pesquisadoras do *Centro de Investigación y Estudios de Género (CIEG)*, que tem como objetivo produzir conhecimento teórico e aplicado na área dos Estudos de Gênero, de forma interdisciplinar, contribuindo com propostas que respondam aos desafios nacionais e globais. Esta instituição está vinculada a *Escuela Nacional de Trabajo Social (ENTS)*, entidade acadêmica focada na formação em Serviço Social, criada em 1973. Trata-se de uma das sete escolas nacionais da *Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM),* instituição de ensino superior pública mexicana, a qual foi fundada em 1910.

O livro tem 249 páginas e é dividido em quatro partes. Na primeira, de título: A teoria feminista, a violência de gênero em relação às mulheres e o feminicídio, é observada uma revisão teórica e metodológica sobre violência de gênero e feminicídio. Na segunda: Políticas públicas e normatividade sobre violência de gênero, violência feminicida e feminicídios, são apresentadas

[1] Doutoranda em História com área de concentração em História do Tempo Presente na Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). Mestre em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), com área de concentração em História, Cultura e Identidades (2015-2017).

informações sobre as políticas públicas voltadas para a problemática da violência de gênero e do feminicídio. Na terceira: O feminicídio nos números, é mostrado a situação alarmante da violência de gênero contra mulheres na América, sobretudo, no México. A quarta: Uma jornada histórica sobre a violência de gênero contra as mulheres e os feminicídios no México, apresenta a situação das mulheres no âmbito do trabalho, educação e política mexicana, visibilizando as situações de desigualdade social[2].

Por esta descrição se compreende de antemão que o livro tem como objetivo problematizar a violência de gênero e o feminicídio, tendo como recorte espacial o México. Trata-se de uma abordagem crucial, urgente, crítica e documental que muito pode contribuir para produzir reflexões acerca da violência de gênero e do feminicídio em outros contextos, na medida em que oferece dados e *insights* para novas pesquisas, reflexões e intervenções políticas. Aprofundemos, então, algumas das questões apresentadas pelas autoras no livro de forma posicionada eticamente, sensível e crítica.

No livro várias categorias de análise são apresentadas. Mas, duas são importantes e balizadoras da discussão: a de violência de gênero e de feminicídio. Um conceito de violência de gênero utilizado no livro é o do CIEG, fruto de estudo realizado em 2016. Esse estudo definiu violência de gênero como:

> os atos e atitudes de agressão, ações e omissões que ameaçam a integridade das pessoas (...). Esta violência assenta "na ordem patriarcal e nas relações de poder-dominação/comando-obediência", pois resulta em danos psicológicos, físicos, patrimoniais, económicos, sexuais e de feminicídio, na esfera da vida quotidiana[3].

Trata-se de uma problemática que ficou por muito tempo silenciada e naturalizada pela sociedade e pelo Estado. Femicídio ou feminicídio é uma categoria oriunda da teoria feminista. O termo femicídio é atribuído a socióloga Diana Russel, utilizado em 1976, para se referir a morte de mulheres por homens pelo fato de serem mulheres. O termo feminicídio foi cunhado em 1998, pela antropóloga mexicana Marcela Lagarde y de Los Rios. Refere-se "ao último ato

[2] A quarta parte do livro tem uma segunda seção, com o título: Reportagem de jornal sobre violência de gênero contra mulheres no México (1934-2018), de Alma Rosa Lópes Velarde. Essa seção não será abordada nesta resenha, pois a parte que particularmente interessa está concentrada nas discussões feitas por Julia Del Carmen Chávez Carapia e Ariana Lourdez Rodríguez Gonzálves.

[3] CARAPIA, Julia Carmen Chavéz; GONZÁLES, Ariana Lourdes Rodríguez. **Violencia de género e feminicidio en México**. México: UNAM, 2023, p. 52.

de extrema violência, aquele que aniquila a vida. Parece estar intimamente relacionado com a discriminação de gênero no sistema patriarcal e com razões de gênero"[4].

Trata-se da situação de tirar a vida de uma mulher por sua condição de mulher, ou seja, por questões de gênero. Cabe ressaltar que violência contra mulheres pode ser observada na história da humanidade. Em algumas culturas, como destacam as autoras, tirar a vida de mulheres não era considerado crime, era parte da vida cotidiana. Geralmente "era tratado como um direito do homem casado sobre a esposa, principalmente quando a mulher não cumpria seus deveres ou apresentava comportamentos não aceitos pela sociedade"[5].

No México a discussão atual sobre violência de gênero e feminicídio está em conformidade com acordos políticos e normativas internacionais. Em âmbito internacional, por exemplo, se destaca a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres, realizada em 1979. Está se falando de um tratado aprovado pela Assembleia Geral das Nações Unidas, um dos principais documentos internacionais de direitos humanos para mulheres e um marco na história da luta pela igualdade de gênero. Nacionalmente, se pode destacar a Lei Geral para a Igualdade entre Homens e Mulheres, de 2006, que tem por objetivo "regular e garantir a igualdade de oportunidades e de tratamento entre mulheres e homens", promovendo "as diretrizes e mecanismos para o cumprimento da igualdade substantiva nas esferas pública e privada"[6].

Essas políticas públicas estão relacionadas aos números referentes as violências de gênero e feminicídios no México. É importante ressaltar que nem todos os casos de violência contra mulheres por questões de gênero são reportados como tais. Todavia, eles fornecem uma visão, alarmante, da situação de violência de gênero e feminicídio no México (e na América). Dados do Instituto Reino Sofía, de 2010, destacam que o número de feminicídios na América, de 2003 e 2006, respectivamente, foi de 8.301 e 7.869 casos reportados. A Europa contabilizou 1.913 casos reportados em 2003 e 1.829 casos em 2006. No período de 2010 a 2014 o México foi o país com o maior número de feminicídios, situação

[4] CARAPIA, Julia Carmen Chavéz; GONZÁLES, Ariana Lourdes Rodríguez. **Violencia de género e feminicidio en México**. México: UNAM, 2023, p. 34.
[5] CARAPIA, Julia Carmen Chavéz; GONZÁLES, Ariana Lourdes Rodríguez. **Violencia de género e feminicidio en México**. México: UNAM, 2023, p. 14.
[6] CARAPIA, Julia Carmen Chavéz; GONZÁLES, Ariana Lourdes Rodríguez. **Violencia de género e feminicidio en México**. México: UNAM, 2023, p. 61.

que se manteve entre 2015 e 2018. Em 2017, por exemplo, o México reportou 3.014 casos. Em relação as idades das vítimas o Instituto acusou incidência de dois grupos específicos de mulheres: entre 35 e 44 anos e 25 e 34 anos.

Uma questão crucial na análise das autoras é a desigualdade social entre homens e mulheres, entendida como um eixo de análise importante da violência de gênero. Com dados da Secretaria de Economia Nacional, de 1943, as autoras apresentam a situação social das mulheres no país no âmbito do trabalho, a saber: 6.484.058 mulheres ocuparvam espaços em trabalhos domésticos; 6.303.028 em tarefas domésticas sem remuneração; 181.030 em serviços assalariados; 552.467 no comércio; 149.470 nas comunicações e trasportes; 191.588 na administração pública; 639.607 na indústria e 3.830.871 na agricultura, pecuária, silvicultura e pesca. Nesse contexto, a maior parte das mulheres desenvolviam trabalhos domésticos. Trata-se de "ocupações relacionadas à identidade feminina que indicam a ordem/poder patriarcal e que se refletem no cotidiano"[7].

Na década de 1950 algumas mudanças são observadas. Segundo dados da Secretaria da Economia, de 1955, eram 310.165 mulheres atuando em trabalhos domésticos; 60.145 em restaurantes, cafés e cantinas; 25.407 em lavandeiras, tinturarias e engomadorias; 25.785 em salões de beleza; 6.282 na fotografia. O número de mulheres que se ocupavam dos trabalhos domésticos sofre uma queda significativa e outras ocupações aparecem. Entretanto, essa questão é problematizada, pois são "novamente, atividades típicas do significado de 'ser mulher' em um sistema patriarcal"[8].

No âmbito da educação se observa um fenômeno interessante. Os dados mostram que em 1963, 48% das mulheres eram analfabetas e 58% dos homens eram analfabetos. Entre 1970 e 2015 foi crescendo a presença de mulheres e homens na educação primária. Entre 2015 e 2017 a população mexicana presente no nível universitário também aumenta. Há uma situação no México de relativa igualdade de escolaridade entre homens e mulheres. Entretanto, explicam as autoras, "a população em geral, tanto feminina como masculina, tem uma lacuna educacional muito importante, a grande maioria só consegue ascender ao ensino

[7] CARAPIA, Julia Carmen Chavéz; GONZÁLES, Ariana Lourdes Rodríguez. **Violencia de género e feminicidio en México**. México: UNAM, 2023, p. 129.
[8] CARAPIA, Julia Carmen Chavéz; GONZÁLES, Ariana Lourdes Rodríguez. **Violencia de género e feminicidio en México**. México: UNAM, 2023, p. 130.

primário e uma percentagem mínima da população consegue chegar aos estudos universitários”[9].

No ambito da política, de 2006 a 2018, a participação das mulheres na Suprema Corte de Justiça foi mínima. Mulheres registrarm 18.18% de participação e os homens 81.81%. Esses dados são apresentados para problematizar o fato de que o poder judicial é “controlado e dominado por homens que, através do estabelecimento de normas legais, continuam a manter e reproduzir o poder e a ordem patriarcal no quadro de um sistema de governo onde predomina o mercado e não a justiça social”. Já no poder legislativo mexicano se observa maior participação das mulheres. Em 2011, elas foram 24% do corpo legislativo e, em 2017, 38%[10]. Entretanto, as autoras chamam atenção para a problemática de que “muitas mulheres nestas áreas de poder continuam a reproduzir as políticas e estratégias da ordem patriarcal, esquecendo a situação das mulheres ou tentando escondê-la”[11].

A partir desses dados algumas questões podem ser apreendidas. A primeira delas é que o movimento feminista, como movimento social, defensor da igualdade de direitos e *status* entre homens e mulheres, foi crucial na reflexão e na exposição da violência de gênero e do feminicídio no México. Foi com o surgimento do movimento feminista, com a participação na política e sua incorporação no âmbito dos direitos humanos, nas últimas décadas do século XX, que as mulheres mexicanas se integraram no espaço público. Isso fez com que as mortes de mulheres por seus companheiros se tornassem visíveis e que normas jurídicas fossem criadas.

É possível observar, ainda, que o patriarcado tem centralidade na discussão do livro. Como destaca Sylvia Walby[12], em *Theorizing Patriarchy,* o patriarcado opera por estruturas, a saber: a) o modo de produção patriarcal: o trabalho doméstico; b) relações patriarcais no trabalho remunerado e assalariado: o emprego e as desigualdades salariais e de cargos; c) relações patriarcais no Estado: o patriarcado nas instituições estatais; d) violência

[9] CARAPIA, Julia Carmen Chavéz; GONZÁLES, Ariana Lourdes Rodríguez. **Violencia de género e feminicidio en México**. México: UNAM, 2023, p. 145.
[10] CARAPIA, Julia Carmen Chavéz; GONZÁLES, Ariana Lourdes Rodríguez. **Violencia de género e feminicidio en México**. México: UNAM, 2023, p. 145.
[11] CARAPIA, Julia Carmen Chavéz; GONZÁLES, Ariana Lourdes Rodríguez. **Violencia de género e feminicidio en México**. México: UNAM, 2023, p. 147.
[12] WALBY, Sylvia. **Theorizing Patriarchy.** Oxford: Basil Blackwell ltd, 1990.

masculina; e) relações patriarcais na esfera da sexualidade: como as pessoas devem se comportar; f) relações patriarcais em instituições culturais: religião, educação, mídia. O patriarcado, grosso modo, se configura como um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres. É uma forma de poder que está enraizada no âmbito familiar, laboral, político, midiático, cultural, religioso e cotidiano.

Outra questão a ser apreendida da abordagem feita no livro é que a problemática da violência de gênero e do feminicídio tem conexões importantes com as relações de trabalho. Isso porque a partir dos dados as autoras destacam, acertadamente, que promover a inserção de mulheres no mercado de trabalho, com equidade salarial, é fundamental no combate à violência de gênero e o feminicídio. Para as autoras mulheres afastadas do mercado de trabalho, sem renda própria ou exploradas estão mais vulneráveis a violências de gênero, pois a "a dependência econômica das mulheres coloca-as numa situação de risco e crise, o que as leva a aceitar formas violentas de tratamento por parte dos homens para com elas"[13].

Da mesma forma a elevação do nível educacional no México é importante. Essa educação, apesar dos avanços e de uma relativa igualdade entre homens e mulheres, se encontra atrasada em relação a outros países latino-americanos. Isso nos faz pensar sobre o fato de que haver uma aparente igualdade de gênero na educação não significa que o sistema educacional seja de qualidade ou que as oportunidades sejam equitativas, que demandas específicas da sociedade estejam sendo atendidas. A problemática do nível educacional do México reverbera na sociedade, pois significa menos oportunidades no mercado de trabalho, menor autonomia financeira, maior dependência, maior vulnerabilidade das mulheres à violência de gênero e ao feminicídio. Assim, construir outras formas de viver, rompendo com aquilo que é normalizado pelo sistema patriarcal, entendendo as mulheres como sujeitos de direitos, não como objetos, passa também por uma educação emancipadora para todas e todos.

Outra questão a ser apreendida a partir da discussão produzida no livro é que a participação das mulheres na política é um fator importante quando se trata de igualdade de gênero. Sem a participação política das mulheres nos

[13] CARAPIA, Julia Carmen Chavéz; GONZÁLES, Ariana Lourdes Rodríguez. **Violencia de género e feminicidio en México**. México: UNAM, 2023, p. 152.

espaços de poder e de decisão não é possível construir uma sociedade efetivamente democrática e igualitária. Entretanto, o acesso e a permanência de mulheres na política é também uma questão urgente. O relatório final apresentado pelo Grupo de Trabalho Interministerial de Enfrentamento à Violência Política contra as Mulheres, de 2024, destaca que na América Latina as mulheres são o grupo mais atingido pela violência política. O caso mais impactante é o México, "onde 23 mulheres políticas foram assassinadas em 2018 e outras 21 foram executadas em 2021; todas estas 44 mulheres foram vítimas em processos eleitorais"[14]. Assim, a questão quantificada pelas autoras se conecta sensivelmente com a discussão sobre violência de gênero e feminicídio.

Cabe ressaltar, por fim, a título de crítica, que o livro poderia abrir um espaço para problemática da violência de gênero e do feminicídio através de um recorte de raça. As autoras se debruçam sobre questões que são fundamentais, sobretudo, ao recorte de gênero e classe, bem como o patriarcado. Entretanto, deixam escapar um aspecto fundamental da interseccionalidade, isto é, o da raça na violência de gênero. Considera-se que essa problemática é crucial considerando as variadas formas de opressão que afetam as mulheres negras e indígenas no contexto latino-americano e que culminam em violência de gênero e feminicídio, como defende bell hooks[15]. Quem também pode ser chamada para esse debate é a socióloga e militante feminista Heleith Saffioti, a qual destaca que patriarcado, racismo e capitalismo é um imbricado "nó", não sendo aceitável analisá-los separadamente[16].

Contudo, o livro resenhado é um estudo de caso significativo para quem tem interesse na problemática da violência de gênero e do feminicídio no contexto latino-amerciano. Trata-se da discussão de violências que preciam ser vizibilizadas, sensibilizadas, punidas juridicamente e combatidas de forma incisiva, pois cada mulher assassinada é uma história interrompida e um direito fundamental violado. Além disso, o livro é um convite a reflexão sobre como

[14] BRASIL. Diagnóstico e Propostas para o Enfrentamento à Violência Política contra as Mulheres no Brasil. **Relatório final apresentado pelo Grupo de Trabalho Interministerial de Enfrentamento à Violência Política contra as Mulheres.** Ministério das Mulheres. Brasília, 2024, 45.
[15] HOOKS, Bell. **Ain't I a Woman? Black women and feminism.** United States, South end Press, 1981.
[16] SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência.** São Paulo: Expressão Popular – Fundação Perseu Abramo, 2015.

promover uma profunda transformação cultural na sociedade que desconstrua os papéis de gênero e que valorize as mulheres como sujeitos.

Data de submissão: 18/03/2025
Data de aceite: 02/04/2025

Referências

BRASIL. Diagnóstico e Propostas para o Enfrentamento à Violência Política contra as Mulheres no Brasil. **Relatório final apresentado pelo Grupo de Trabalho Interministerial de Enfrentamento à Violência Política contra as Mulheres.** Ministério das Mulheres. Brasília, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-deconteudos/noticias/2024/agosto/gti-enfrentamento-violencia-politica-relatoriofinal.pdf Acesso em: 18.12.2024.

CARAPIA, Julia Carmen Chavéz; GONZÁLES, Ariana Lourdes Rodríguez. **Violencia de género e feminicidio en México**. México: UNAM, 2023.

HOOKS, Bell. **Ain't I a Woman? Black women and feminism.** United States, South end Press, 1981.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência.** São Paulo: Expressão Popular – Fundação Perseu Abramo, 2015.

WALBY, Sylvia. **Theorizing Patriarchy.** Oxford: Basil Blackwell ltd, 1990.